



## MONTADOS DA LUSITÂNIA: GESTÃO E CONSERVAÇÃO

Carlos Pinto-Gomes, Mauro Raposo, Paula Mendes & Catarina Meireles

Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento. Escola de Ciências e Tecnologia.

Universidade de Évora (Portugal)/Instituto de Ciências Agrárias e Ambientais Mediterrânicas. Rua Romão Ramalho, nº 59, P-7000-671 Évora. [cpgomes@uevora.pt](mailto:cpgomes@uevora.pt)

Como é sabido, o Montado resulta do desadensamento de bosques climácicos de quercíneas, face a um continuado interesse agro-silvo-pastoril por parte do Homem. As particularidades edafo-climáticas existentes no Oeste Ibérico, juntamente com a secular ação antrópica neste território, resultam numa elevada originalidade ecológica e paisagística, onde se destacam os montados de sobreiro (*Quercus suber*), mas também os montados de azinho (*Quercus rotundifolia*) ou mesmo de carvalhos de folha marcescente (como sejam *Quercus faginea* e *Q. pyrenaica*).

Em termos estruturais é dominado por um estrato arbóreo, com diferentes densidades, e um estrato herbáceo, cobrindo o solo praticamente na totalidade, mantido e favorecido pelo pastoreio extensivo. Face à sua originalidade, destaque-se que este habitat semi-natural além de estar inserido no anexo I da Directiva 92/43/CEE (6310), encerra o sobreiro (*Quercus suber*) que é protegido em Portugal, pelo Decreto-lei nº 169/2001 e elevado à categoria de Árvore Nacional de Portugal desde 22 de Dezembro de 2011.

Face ao elevado interesse económico do montado, nomeadamente através das actividades pecuárias, agrícolas e florestais, algumas destas áreas apresentam uma exploração mais intensiva, onde muitas vezes é levada ao seu limite, contribuindo assim para a sua degradação. Entre elas salientam-se as podas excessivas, a mobilização intensa do solo, o elevado encabeçamento de gado que dificulta a regeneração natural do coberto vegetal, entre muitas outras. Por outro lado, saliente-se ainda as externalidades positivas, associadas a um conjunto de serviços e funções ambientais que por vezes são ignorados, como a conservação dos solos, a regularização do ciclo hidrológico, a valorização da biodiversidade, e outros benefícios úteis à sociedade.

Como corolário desta degradação, a produtividade baixa significativamente e torna-se difícil

recuperar este ecossistema, devido à sua baixa capacidade de resiliência. Por isso urge parar e mesmo inverter este processo de degradação que vise majorar a produtividade num curto espaço de tempo, ignorando a sustentabilidade do sistema.

Por último, aborda-se a importância dos bioindicadores vegetais na identificação de áreas degradadas bem como, a sua monitorização a fim de conservar e valorizar este agro-sistema, tendo em vista a sustentabilidade, onde o agente decisor e o gestor promovam e consolidem a qualidade desta paisagem peculiar.